

## Política



AFASTADOS PELO CNJ

Desembargadores recorrem ao STF

Flávio Dino irá analisar pedidos de Thompson Flores e Lorisai Flores de Lima

PDS  
ACQUIRIR  
APÓS  
O CANCELAR  
PDS  
PDS  
PDS  
PDS

## DE VOLTA A CAMPO

Planalto vê base desorganizada, prevê derrotas, e Lula decide chamar Lira e Pacheco para reuniões

JENNIFER GULART, SÉRGIO ROXO,  
CAMILA TURTELLE  
KAROLINI BANDEIRA  
jg@oglobo.com.br  
ct@oglobo.com.br  
kb@oglobo.com.br

Com a escalada da crise na articulação do governo com o Congresso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) convocou ontem um encontro de emergência com os principais líderes da base, decidiu participar das negociações de maneira mais ostensiva e vai chamar o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), para encontros na semana que vem. Diante do conflito entre Lira e o ministro Alexandre Padilha (Relações Institucionais), aliados e auxiliares diretos do presidente passaram a temer que os problemas na relação entre os Poderes se aprofundem, com risco de novas derrotas no Parlamento.

Interlocutores próximos ao presidente avaliam que o modelo em que o ministro da Casa Civil, Rui Costa, negocia com Lira, enquanto Padilha trata com os líderes partidários, não funciona. A avaliação é que essa função exige agilidade e dedicação para discutir temas em tramitação no Congresso.

O argumento usado por esses interlocutores é que a articulação política precisa de uma linha única de atuação e que as conversas separadas com Lira e com líderes podem funcionar para discussões de pautas estruturantes, como as da agenda econômica. Na rotina de votações, incluindo projetos ainda em fase de comissões, o entendimento é que há potencial para gerar ruídos por estarem em jogo interesses diversos dentro do próprio governo.

Pur isso, aliados enxergam a necessidade de Lula entrar em ação para alinhar os pontos. O presidente já havia feito esse movimento em fevereiro e no começo de março, momento em que atuou diretamente para acalmar a relação do governo com o Congresso na largada do ano legislativo.

## UM 'CONSENTINHO'

Com o quadro turbulento, Lula reuniu-se ontem por quase três horas com Padilha, Rui Costa, o ministro Paulo Pimenta (Comunicação Social) e os líderes do governo no Senado. Jacques Wagner (PT-BA), no Congresso, Raulo Rodrigues (sem partido-AP), e na Câmara, José Guimarães (PT-CE). O encontro foi chamado de última hora. Lula ouviu a avaliação sobre o atual momento do convívio com o Congresso e decidiu que é momento de chamar Lira e Pacheco a uma reunião.

A ofensiva para tentar melhorar a relação com os parlamentares deve incluir ainda reuniões do presidente com os vice-líderes do governo na Câmara e no Senado. No grupo,



Diálogo. Lula ao lado de Arthur Lira e Rodrigo Pacheco, em evento no TSE, petista vai se reunir com os presidentes da Câmara e do Senado na próxima semana

## ACENOS E TENTATIVAS DE ENTENDIMENTO



## Ajuste na articulação política

Ao longo do ano passado, Lula e Arthur Lira tentaram apagar as diferenças. Não falaram reunião hora da agenda, como a ocorrida em 5 de junho no Palácio da Alvorada. Dias antes, o presidente da Câmara deu declarações públicas de que o governo precisava ajustar sua articulação política. Caso contrário, sofreria reverses em votações no Congresso.



## Encontro após volta do recesso

Lula e Lira tiveram um encontro no início de fevereiro para discutir a relação e tentar melhorar o clima entre o Congresso e o Palácio do Planalto. A reunião ocorreu após o presidente da Câmara tornar pública a sua insatisfação com o governo em seu discurso de reabertura dos trabalhos legislativos, quando cobrou o cumprimento de acordos.



## Happy hour no Alvorada

Também em fevereiro, Lula promoveu um happy hour no Alvorada com a presença de ministros, Lira e lideranças de partidos da base na Casa. Ao discursar, o presidente da Câmara disse que o Parlamento estava aberto a ajudar o governo e celebrou os entendimentos com o Executivo. Lula, por sua vez, brincou com o discurso da abertura do ano legislativo.

rios ao veto, como é o caso do senador Fabiano Contarato (PT-ES), ex-delegado.

## IMPASSE NAS 'SAIDINHAS'

A própria decisão foi tomada contrariando ministros do Planalto. O veto à "saidinha" de presos para visitar a família foi recomendado a Lula pelo titular da Justiça, Ricardo Lewandowski, com o argumento de que contraria a Constituição e fere o princípio da dignidade humana, além de estar em desacordo com convenções internacionais da qual o Brasil é signatário. Por preverem derrota no Congresso, Rui e Padilha foram contrários à ideia.

—A base tem obrigação moral e política de fazer a defesa dessa política. O presidente tem a correta preocupação com a reinserção dos presos na sociedade. Existe uma falsa polêmica — afirma o advogado Marco Aurélio de Carvalho, próximo e Lula e coordenador do Grupo Prematistas.

Líderes da base, no entanto, afirmam que o próprio Planalto não está engajado em angariar apoio à matéria e que a coordenação política precisa de um ajuste no fluxo de comunicação. Parlamentares sentem falta de encontros sistematizados com o Planalto que formalizem as orientações da pauta e que envolvam Padilha e Rui Costa.

Um dos pontos de defesa é de que essa articulação deveria ser feita junto aos governadores, que administram a maior parte das unidades prisionais do país. Na hipótese de revolta em presídios pela restrição da "saidinha", a crise estouraria na mão dos chefes dos executivos estaduais. O governo federal administra cinco penitenciárias de segurança máxima.

estão de deputados e senadores de partidos com representação no Ministério, como MDB, PSD, PSB, União Brasil e PP. Assim, os encontros seriam uma forma de ampliar o contato direto de Lula com a base — haverá ainda uma nova rodada com os líderes.

Na reunião de ontem, Lula foi informado que há grande chance de que o governo sofra novas derrotas no Congresso na semana que vem. A expectativa dos líderes é que o corte de R\$ 5,6 bilhões em emendas de comissão e o veto ao trecho da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que estabelece um cronograma para o pagamento de emendas sejam derrotados. Sobre as emendas, ainda há uma tentativa de acordo que preservaria algo em torno de R\$ 3 bilhões com os parlamentares.

O presidente e seus auxiliares definiram ainda que vão fazer uma mobilização para impedir a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que estabelece a volta do quinquênio, beneficiado a juízes e promotores a cada cinco anos com aumento de 5% do salário. Pelo plano traçado, governadores, inclusive de oposição, serão procurados para serem convencidos a apoiar o texto com o argumento de que o benefício poderia afetar os cofres estaduais e gerar efeito cascata sobre o salário de servidores.

Mas o entendimento entre os líderes é que a PEC, aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado nesta semana, não passaria no plenário da Casa.

—Precisa só fazer um consentinho aqui, um consentinho acolá, mas nada que atrapalhe a nossa vontade. E o presidente (Arthur) Lira tem sido essa vontade — minimizou

Guimarães na saída do encontro, ao ser questionado sobre os problemas na articulação.

Um episódio recente que demonstra as dificuldades na relação com o Congresso ocorreu na tramitação do projeto que restringe a "saidinha" de presos. A decisão de Lula de vetar o texto aprovado pelos parlamentares pegou a base do governo de surpresa. A expectativa é que ocorra a derubada do veto, em um novo revés do Executivo.

Além do conflito Lira x Padilha, o líder do governo, José Guimarães (PT-CE), tem feito reclamações públicas da falta de articulação. Ao GLOBO, citou o excesso de medidas provisórias que chegam à Câmara sem conversa com líderes e que viram "bomba" para ele.

Em meio ao campo minado entre Congresso e governo, auxiliares do presidente reconhecem que não houve uma

preparação de terreno para o veto ao projeto da "saidinha" e que isso dificulta o debate político para defender a decisão tomada por Lula. A alegação de integrantes da equipe de articulação política é que o Ministério da Justiça demorou para apresentar uma manifestação técnica sobre o tema.

O Planalto reclama que deputados e senadores aliados não têm feito a defesa pública do veto de Lula. Uma das leituras de auxiliares do presidente é que há receio de parlamentares de se manifestarem de forma favorável à medida que vai beneficiar detentos pela repercussão negativa que essa posição teria em suas bases.

A reserva em tratar do tema atinge inclusive a esquerda e deputados petistas, que, sob reserva, consideram o assunto "espinhoso" e "delicado". Alguns petistas já se declararam publicamente contra-